

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA SOLANGE BARABACEZ

O EVENTO TOTALITÁRIO SOB O VIÉS DE HANNAH ARENDT

PRUDENTÓPOLIS

2018

MARIA SOLANGE BARABACEZ

O EVENTO TOTALITÁRIO SOB O VIÉS DE HANNAH ARENDT

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista, Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Ms. Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues dos Santos

PRUDENTÓPOLIS
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA SOLANGE BARABACEZ

O EVENTO TOTALITÁRIO SOB O VIÉS DE HANNAH ARENDT

Monografia elaborada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista, Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof.....
Departamento de

Prof.
Departamento de

Prof. Ms. IVANILDO LUIZ MONTEIRO RODRIGUES DOS SANTOS
Orientador – Departamento de Filosofia – UFPR

PRUDENTÓPOLIS
2018

RESUMO

O presente trabalho tratará da filosofia política de Hannah Arendt. Em um primeiro momento, encontra-se o estudo acerca do totalitarismo na medida em que este é fundamental para a compreensão do pensamento arendtiano. Importa-nos compreender o estatuto conferido por Arendt ao fenômeno totalitário como um evento político de ruptura, evento este que colocou a ideologia em um plano elevado, desprezando a liberdade de expressão e enaltecendo a superfluidade humana. No tocante à aplicabilidade prática em sala de aula, esta temática é de extrema relevância, pois representa o pensamento de uma filósofa referência na filosofia contemporânea. Por isso, pretende-se, em sala de aula, mostrar a relação entre aspectos da filosofia contemporânea arendtiana associados a eventos políticos que ocorreram no decorrer da história e que foram frutos da incapacidade de pensar por parte dos envolvidos. No decorrer das aulas, apontar o contexto histórico e as características deste evento político, as relações existentes entre conceitos éticos e políticos, bem como os resultados esperados ao serem ministrados esses conteúdos em sala de aula.

Palavras-chave: Política. Ética. Arendt. História.

Abstract

The present work will deal with Hannah Arendt's political philosophy. Firstly, a study on totalitarianism is presented, since it is essential for the understanding of Arendt's thought. It is important to understand the statute conferred by Arendt to the totalitarian phenomenon as a political event of rupture, such an event that has placed the ideology at a high level, despising the freedom of expression, and highlighting human superfluity. As for the practical applicability in the classroom, this theme is extremely relevant, as it represents the thought of a reference philosophy in contemporaneous philosophy. Because of that, it is intended, in the classroom, to show the relationship between aspects of Arendt's contemporaneous philosophy related to political events that took place in the course of history, and that were the fruit of the inability to think by the parties involved. During the classes, it is also intended to point out the historical context and the characteristics of this political event, the existing relationships between ethical and political concepts, as well as the expected results after these contents are applied in the classroom.

Key words: Politics. Ethics. Arendt. History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
 CAPÍTULO PRIMEIRO	
1. Totalitarismo como um evento político de ruptura	11
1.1. Impensado da tradição	11
1.2. Ideologia e terror	15
1.3. O evento histórico e a apatridia humana	16
 CAPÍTULO SEGUNDO	
2. Plano de ensino	20
2.1. Levantando o saber.....	20
2.2. Problematizando o saber.....	21
 CAPÍTULO TERCEIRO	
3. Da sala de aula para a vida em sociedade.....	22
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
 REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO¹

O nome próprio Hannah Arendt apresenta-se como um dos grandes “outsiders” no contexto político do século XX. Em um período marcado pela subordinação do pensamento às decisões de cunho econômico e social, ela fez questão de ressaltar a superioridade da autonomia e da liberdade da esfera pública em relação à privada. Dispostos em uma posição praticamente indissociável, os entraves econômicos e políticos têm o hábito de estabelecer os critérios dos programas políticos e das resoluções nacionais e internacionais de caráter econômico. Em vez de tratar de modo clássico a questão do poder, enquanto instrumento nacional à disposição do Estado, Arendt deposita sua atenção e aposta na liberdade como sendo a razão de ser da política, tomando o homem como *zoon politikon*. Do estudo que realizou dos fatos que marcaram a historicidade Ocidental, isto é, da defrontação de suas elucubrações com algo de exterior e imprevisível, obteve bases sólidas para a constituição de suas mais eminentes obras, marcadas pelo exercício de pensamento oriundos da própria concretude dos fenômenos políticos.

A necessidade de compreensão daquilo que historicamente ocorreu no decorrer do conturbado século XX é uma tarefa que Arendt assumiu e que é tematizada ao longo de sua vida. Trata-se de um esforço intelectual com o intuito de tornar compreensível o passado histórico em suas múltiplas facetas, como ele aconteceu, quais as possibilidades do totalitarismo e os efeitos catastróficos daí engendrados.

Hannah Arendt, ainda na sua juventude, afirmou que os assuntos de cunho político não lhe despertavam a atenção e que seus primeiros interesses encontravam-se no âmbito da tradição filosófica². Todavia, diante de uma época profundamente marcada por conturbações no cenário político, Arendt abandona seus estudos filosóficos para responder

¹ Este trabalho já foi utilizado em publicações realizadas anteriormente no curso de graduação, portanto, não se trata de uma discussão inédita. O texto compunha uma parte do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado para a conclusão do curso de graduação em Filosofia. (BARABACEZ, Maria Solange. **A banalidade do mal e a faculdade do juízo no pensamento político e filosófico de Hannah Arendt**. 45 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2014).

² Arendt concluiu o seu doutorado com uma tese sobre o *Conceito de Amor em Santo Agostinho*, que foi divulgado em 1929, após um longo tempo de estudos, juntamente com influentes pensadores alemães, entre eles Jaspers, Husserl e Heidegger.

aos apelos e perigos do presente que, segundo ela, mereciam uma atenção especial. Por esse motivo, alguns dados da sua biografia serão cruciais para a exposição do seu pensamento. É relevante ressaltar que Hannah Arendt, apesar da transparência em seu pensamento, não se afirmava enquanto filósofa, mas declarava que seu ofício era a teoria política. Não obstante, no desfecho de sua vida, quando da constituição de sua última obra, *A Vida do Espírito* (1975), ao abordar a *vita contemplativa*, ela admite o seu retorno à reflexão filosófica. Esse retorno à filosofia, é preciso salientar, foi motivado pela instauração do fenômeno do mal na esfera pública. Porém, no momento em que usou em sua obra *Eichmann em Jerusalém* o tema “banalidade do mal”, ela não almejou nenhuma teoria filosófica. O retorno de uma teoria filosófica só foi evocado na medida em que ela se referiu à inabilidade de Eichmann para o pensamento. Desse modo, é ao sujeito Eichmann, em primeiro momento, que se deve o fato de Hannah Arendt ter decidido, ao final de sua vida, pesquisar o lado invisível da *vita activa*, ou seja, a vida do pensamento, do querer e do julgar.

E é a partir de um dado fato histórico, conforme Arendt, que se torna exequível entender como tais transformações ocorreram e como chegaram até onde chegaram. *Ipsa facto*, é exatamente isso que ela faz. Arendt esforça-se com o intuito de compreender a teoria e o seu vínculo com as práticas políticas fluentes no mundo contemporâneo. Moldada por suas próprias experiências durante a II Grande Guerra, pela “concretude de acontecimentos políticos”, pela “experiência viva”³ é notório que ela almejasse entender sob quais circunstâncias ocorreram os acontecimentos históricos, na tentativa de impedir sua proliferação. A historiadora Nádia Souki, por sua vez, também afirma que “o mal sempre constituiu um desafio à filosofia, chegando, muitas vezes, a ser considerado um enigma; por isso, tem correspondido a um convite a não ser pensado. Mas o fato de ignorá-lo, expurgá-lo do pensamento não o esconjura e nem o retira do universo dos problemas humanos”⁴.

Nesse sentido, os escritos arendtianos têm a intenção de buscar um sentido na ausência de sentido manifesta na organização totalitária, na qual os interesses comuns

³ ARENDT. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 41.

⁴ SOUKI, Nádia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 11.

foram dissolvidos em prol de interesses ideológicos⁵. É notável salientar que a preocupação arendtiana, no que se refere ao fenômeno do mal, inicia-se em *Origens do Totalitarismo* (1951), abrange *Eichmann em Jerusalém* para receber, então, o merecido enfoque reflexivo em sua obra final, *A Vida do Espírito*. Esse fio condutor evidencia a ininterruptão e a coerência de um pensamento que a cada obra vai se transformando, sem se afastar do foco principal: a discussão acerca da relação entre o mal e da ausência de pensamento. No entanto, aquilo a que Arendt se refere, de antemão, é ao Holocausto: um esquema operado pelo estado nazista que implicou a morte de aproximadamente seis milhões de pessoas, principalmente judeus.

O presente trabalho tratará da filosofia política de Hannah Arendt. Em um primeiro momento, encontra-se o estudo acerca do totalitarismo na medida em que este é fundamental para a compreensão do pensamento arendtiano. Importa-nos compreender o estatuto conferido por Arendt ao fenômeno totalitário como um evento político de ruptura, evento este que colocou a ideologia em um plano elevado, desprezando a liberdade de expressão e enaltecendo a superfluidade humana.

Após o embasamento teórico, o presente trabalho traz uma aplicação prática deste tema para ser trabalhado no meio escolar. Neste momento do texto, objetiva-se introduzir o educando no estudo sobre a moral e algumas das fundamentais questões éticas e políticas que sensibilizaram diversos pensadores no decurso da história, a saber, o evento totalitário, mais especificamente, tal como tematizado por Hannah Arendt. Ao longo das aulas, com o auxílio de textos impressos, vídeos (para sensibilização) e aula expositiva, explorar as opiniões prévias que os estudantes possuem acerca do conteúdo, destacando o contexto histórico bem como as características deste regime e o modo como este regime político tratava as pessoas. Por último, promover uma reflexão sobre os direitos fundamentais que foram negados, a violência perpetrada e a discriminação sofrida.

⁵ “O caráter contingente dos eventos históricos aponta, pois, em direção da falta de um fundamento firme e estável para o sentido que se produz e ao próprio caráter indeterminado desse sentido, cujo futuro não se encontra garantido teleologicamente por nenhuma lei necessária que o conduza a um porto seguro” (BA CH, A. *Julgar é preciso...*(considerações sobre o pensamento de Hannah Arendt. Cadernos de Ética e Filosofia Política 9, 2/2006, p. 20-21).

No terceiro capítulo, constam as expectativas esperadas ao abordar o conteúdo explanado em sala de aula.

1. TOTALITARISMO COMO UM EVENTO POLÍTICO DE RUPTURA

1.1. Impensado da tradição

Além das razões introdutoriamente acima apontadas, Hannah Arendt quer entender esse novo movimento que não se ajusta às presentes categorias de pensamento, justamente por não se apoiar na experiência da tradição, que propagou a dominação total e que introduziu uma maldade que tenta erradicar a diversidade humana⁶. A partir da análise dos traços empíricos desse fenômeno, Arendt julga a questão introduzida pelo horror totalitário como sendo uma ruptura sem precedentes na história do Ocidente, fenômeno este que deixa uma lacuna entre o passado e o futuro. Para Duarte, “o próprio acontecimento instaura uma nova constelação de significações”⁷. Portanto, se não podemos recorrer para a tradição de pensamento político com o objetivo de avaliar o passado e o presente à luz do futuro, para restituir assim, o fio contínuo da história e da tradição, é porque estamos em circunstâncias em que “nossa herança foi deixada sem testamento algum”⁸, para retomar a famosa citação dos versos do poeta da resistência francesa René Char. As atrocidades perpetradas nos campos de concentração nazistas desafiaram os arquétipos morais e jurídicos inteligíveis até então. A *sapiência* precedente “morre em nossas mãos tão logo tentamos aplicá-la de forma honesta às experiências políticas centrais de nossos tempos”⁹ Na obra *Entre o Passado e o Futuro*, Arendt diz que

“O problema, contudo, é que, ao que parece, não parecemos estar nem equipados nem preparados para esta atividade de pensar, de instalar-se na lacuna entre o passado e o futuro. Por longos períodos em nossa história, na verdade no transcurso dos milênios que se seguiram à fundação de Roma e que foram determinados por

⁶ De acordo com VALÉE, a noção de pluralidade é filosoficamente rica porque implica inseparavelmente o reconhecimento da diferença e o reconhecimento da comunidade, reconhecimento este que estará na base de toda a política autêntica (VALÉE, Catherine. *Hannah Arendt: Sócrates e a questão do totalitarismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p. 26).

⁷ DUARTE, André. *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 36.

⁸ ARENDT, 2009, p. 31.

⁹ JARDIM, Eduardo. *Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 23.

conceitos romanos, esta lacuna foi transposta por aquilo que, desde os romanos, chamamos de tradição. Não é segredo para ninguém o fato de essa tradição ter-se esgarçado cada vez mais à medida que a época moderna progrediu. Quando, afinal, rompeu-se o fio da tradição, a lacuna entre o passado e o futuro deixou de ser uma condição peculiar unicamente à atividade do pensamento e adstrita, enquanto experiência, aos poucos eleitos que fizeram do pensar sua ocupação primordial. Ela tornou-se realidade tangível e perplexidade para todos, isto é, um fato de importância política”¹⁰.

Com isso, Arendt quer dizer que há uma tensão entre o acontecimento novo e as elaborações conceituais que procuram dotá-lo de sentido. Nesse aspecto, esse acontecimento inédito escapa à compreensão do senso comum e afronta todos os critérios de julgamento aceitos pela tradição de pensamento político Ocidental. Em outras palavras, esse evento exemplifica a falência de nossos critérios tradicionais frente ao novo legado que se apresenta. Nas palavras de Tocqueville, mormente citadas pela ilustre autora, “desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro, a mente do homem vagueia nas trevas”¹¹. Também de acordo com Souki

“A terrificante originalidade do totalitarismo não se refere a uma nova ideia que apareceu no mundo, mas a atos em ruptura com toda a nossa tradição. Esses atos, literalmente, pulverizaram nossas categorias políticas e nossos critérios de julgamento moral. O mais assustador, pois, na ascensão do totalitarismo não é a novidade do fenômeno, mas o fato de que ele põe em evidência a ruína de nossas categorias de pensamento e de nossos critérios de julgamento”¹².

Tal originalidade implica a necessidade de engendrar novos conceitos e categorias de pensamento que, devido à ruptura com nossa tradição, dessem conta da novidade totalitária. Pensar a política tendo como único guia padrões da racionalidade tradicional não permitiria incorporar a descontinuidade e, assim, compreender a ruptura, nas palavras do *schollar* Duarte¹³. Arendt explana que o modo mais cômodo que conduz a um errôneo entendimento do totalitarismo consiste em assimilá-lo a algo já ocorrido no interior da tradição do pensamento político; por exemplo, assemelhar o governo totalitário a formas

¹⁰ ARENDT, 2009, p. 40.

¹¹ ARENDT, 2009, p. 32.

¹² SOUKI, 1998, p. 46.

¹³ DUARTE, 2000, p. 16.

despóticas de governo tais como a tirania. Ela considera que uma aproximação imprópria tornava inviável a compreensão do aspecto singular e inédito dos arranjos políticos florescidos no século XX. Não era correto estabelecer vínculos e definir o caráter do regime nazista apelando a noções como tirania, autoritarismo ou ditadura, que se referem a tempos passados do pensamento político Ocidental. Dentro das perspectivas arendtianas, a erudição do passado se manifesta insuficiente quando o assunto são problemas da contemporaneidade que desafiam as categorias de nosso pensamento e os esquemas da imaginação.

Nessa tentativa de apreensão da novidade totalitária, Arendt almeja tornar cognoscível o fenômeno do totalitarismo e suas implicações. Conforme as colocações de Souki,

“É preciso, pois, a inauguração de novos conceitos para poder se pensar a novidade totalitária em todas as suas formas expressivas. É preciso a inovação de conceitos e categorias de pensamento para poder compreendê-las na originalidade de suas nuances e para isto é necessária uma forma de pensar que rompa com a tradição”¹⁴.

O pensamento de Arendt foi um pensamento voltado para o fenômeno da ruptura, revolvendo-se na lacuna entre o passado e o futuro, que nela provocou e instigou um exame do presente. O presente, que para ela gerou a consciência e a percepção da ruptura, foi o fenômeno totalitário¹⁵. Na tentativa de investigação sobre a natureza dos regimes totalitários, em um primeiro momento, fazia-se *mister* conceber novas abordagens da experiência política, que proporcionassem a apreensão do ineditismo totalitário. Logo depois, era indispensável a reconstituição arqueológica da história moderna, com a finalidade de encontrar as rupturas que prepararam o solo para o cenário político do século XX. Arendt delinea essa dupla empreitada em *Origens do Totalitarismo*, no último capítulo de *A Condição Humana* e nos ensaios reunidos na obra *Entre o Passado e o Futuro*.

¹⁴ SOUKI, 1998, p. 48.

¹⁵ LAFER, Celso. *Teoria Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1979, p. 186.

A partir dessa constatação, o fio que conduz o seu pensamento é a interrogação sobre o mal radical, notoriamente na dimensão ética e política implicadas desde seu aparecimento em nossa civilização. Neste esforço, a autora empresta de Kant o conceito de mal radical em sua investigação “acerca do surgimento dessa nova forma de violência e do seu alastramento e plena realização enquanto realidade política”¹⁶. A respeito disso, Arendt diz em as *Origens do Totalitarismo*:

“Podemos dizer que esse mal radical surgiu em relação a um sistema no qual todos os homens se tornaram igualmente supérfluos. Os que manipulam esse sistema acreditam na própria superfluidade tanto quanto na de todos os outros, e os assassinos totalitários são os mais perigosos porque não se importam se estão vivos ou mortos, se jamais viveram ou se nunca nasceram”¹⁷.

Na sua concepção, o mal surgiu em meio ao novo sistema configurado, no qual todos os homens foram considerados supérfluos. O primeiro e fundamental passo dado rumo ao domínio total foi a perda da condição de pessoa jurídica e moral nos campos de concentração. Os indivíduos que ali se encontravam, judeus no caso do III Reich nazista, sabiam que ali estavam por nenhuma razão; ou ilícito que pudessem ter cometido; daí o aspecto paradoxal e absurdo de sua situação jurídica, seja em Auschwitz ou Buchenwald. O segundo passo foi dado fora dos campos de concentração, ao longo da sociedade de indivíduos que compunham a massa de sustentação do regime: a anulação da individualidade e da espontaneidade, temas tão caros à proposta política da autora. O âmago da dominação totalitária consumou-se quando os sujeitos foram transformados em seres inteiramente condicionados e obedientes, incapazes de exercerem o direito à desobediência civil, para citarmos outro tema corolário da anulação da espontaneidade. Esse processo de perda das referências políticas habituais, estilhaçamento dos antigos laços sociais, isolamento dos homens entre si até que transfiram sua lealdade e expectativas ao movimento nazista, destituiria a pessoa humana de seus direitos mais básicos e cogentes, de sua fidedigna existência, retirando-lhe os elementos que o constituem fundamentalmente. A

¹⁶ SOUKI, 1998, p. 12.

¹⁷ ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 510.

finalidade dessa destruição seria a transformação do homem em objeto e a produção de uma sociedade constituída de indivíduos homogêneos.

1.2. Ideologia e terror

Segundo Arendt, o totalitarismo se ampara em dois pilares, a saber, a ideologia e o terror, aonde o terror propagado constitui o âmago do domínio totalitário. Tal estrutura não elimina tão somente a liberdade pública, mas visa à extirpação total da espontaneidade individual, suprimindo toda e qualquer ação que venha a caracterizar a habilidade para o pensar e a capacidade humana de iniciar uma nova cadeia de razões¹⁸. Em outras palavras, o traço marcante do fenômeno totalitário é a aniquilação das redes de comunicação que prendem o homem a um tecido sociopolítico. Esse ponto, a saber, o isolamento, constitui o solo fértil para o início e a propagação do terror totalitário.

“A personalidade jurídica e moral é a estrutura do indivíduo, insubstituível e única, de onde emanam decisões, julgamentos e ações, enfim, de onde surge toda a novidade no mundo. A eliminação da personalidade visa secar as fontes de espontaneidade, a fim de permitir ao regime regulamentar, sempre mais eficazmente, o comportamento dos cidadãos. A destruição dos direitos do homem, a morte da pessoa jurídica, é a condição primordial para que ele seja inteiramente dominado, e a finalidade do sistema arbitrário é destruir os direitos civis de toda a população, que se vê, afinal, tão fora da lei em seu próprio país como apátridas e refugiados”¹⁹.

É a partir dessa análise que irá surgir, posteriormente, na obra *Eichmann em Jerusalém*, o conceito de banalidade do mal. Esse conceito será empregado para qualificar o que Arendt denominou de inabilidade para o exercício reflexivo atribuído ao oficial Adolf Eichmann, que será abordado no capítulo II da presente monografia. A constituição da problemática a respeito do mal, nesse livro de Hannah Arendt, apresentou-se como notoriamente atual e relevante em nossa sociedade de massas. O cerne da investigação

¹⁸ A descontinuidade admitida por tal evento requer uma outra atitude de cunho político que ocupou as reflexões arendtianas: a liberdade humana. Não será em vão que ao desfecho de sua obra, em *A Vida do Espírito*, Arendt irá adotar como elemento de apreço a faculdade de julgar.

¹⁹ SOUKI, 1998, p. 66.

concentra-se em volta de significativa proeminência no quadro da filosofia política, não somente por sua atualidade, mas por estar relacionado a uma inquietação ética, a saber: a ausência de exercício reflexivo diante das ações praticadas.

A tentativa arendtiana é a de esclarecer o horror sombrio desse fato com sua compreensão. Não apenas porque tais delitos possam ocorrer novamente, mas pela necessidade de obtermos uma reconciliação com esse mundo comum, evitando assim o genocídio totalitário como probabilidade futura.

Levando em consideração a inquietação que nos acomete com a atualidade da eventualidade dessa espécie de mal, estamos à mercê deste risco que resistiu à decadência dos regimes totalitários e sobrevive em tempos hodiernos. Ao refletir sobre a contemporaneidade desse fato, Arendt chama atenção para as sociedades burocráticas modernas, para os eventos políticos, e também para os acontecimentos de cunho social e econômico que de todos os modos contribuem com os métodos totalitários produzidos para dotar os homens de superfluidade. É curioso notarmos como desde 1951 em *As Origens* ela já estava incomodada com a questão social e a possível força desumanizadora advinda da necessidade, que reduz o homem às demandas do fluxo vital de seu corpo:

“O perigo das fábricas de cadáveres e dos poços do esquecimento é que hoje, com o aumento universal das populações e dos desterrados, grandes massas de pessoas constantemente se tornam supérfluas se continuamos a pensar em nosso mundo em termos utilitários. Os acontecimentos políticos, sociais e econômicos de toda parte conspiram silenciosamente com os instrumentos totalitários inventados para tornar os homens supérfluos. [...] As soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem”²⁰.

1.3. O evento histórico e a apatridia humana

²⁰ ARENDT, 1989, p. 510-511.

O feitiço de organização totalitária da sociedade, que se consumou no século XX nos campos de concentração, por exemplo em Auschwitz, foi o evento fundamental em torno do qual Arendt projetou inicialmente sua reflexão. Com o processo de formação dos regimes totalitários, Arendt ocupou-se da discussão em torno das precárias condições sociais, que foram antecedentes da cristalização desse fenômeno. Sob seu entendimento, essa forma inédita de organização política declarou a dispensabilidade dos seres humanos e protagonizou uma experiência de um mal que abriu seu pensamento à questão de condição humana frente ao mundo.

Destarte, qualquer manifestação de dignidade humana que ainda persistisse em se manter de pé foi simplesmente diluída por esse episódio totalitário. Ao se buscar eliminar grupos como judeus, negros, ciganos, deficientes físicos e mentais da sociedade na Alemanha nazista, a pluralidade de pessoas e opiniões foi ao mesmo tempo eliminada. Invariavelmente em seu helenismo, Arendt nos lembra que para os gregos a violência era algo pré-político e a persuasão deveria ser o instrumento da política, assim manifestando-se a pluralidade de pontos de vista radicalmente oposta ao domínio do discurso total e homogêneo como ocorreu no fenômeno totalitário.

Para Duarte, “o constante agravamento do problema político dos refugiados, desde a Primeira Guerra, expôs a crise dos direitos humanos e favoreceu as políticas de extermínio”²¹. A tese totalitária de que os indivíduos, em sua superfluidade, não possuem mais direitos, mas tão somente deveres a serem cumpridos em relação aos governantes, tornou possível uma condição inumana que rompe com legados de pensamento que assinalavam uma série de conquistas de direitos em benefício da convivência em coletividade. *Ipsa facto*, a sociedade se vê desamparada no século XX frente à incomensurabilidade do mal introduzido pelo sistema vigente e os métodos possíveis a serem aplicados com objetivos mantenedores de *status quo* vigente. O ineditismo se instaura justamente quando a organização da sociedade escapa ao bom senso, ao mundo comum e a qualquer outro critério que faça ressurgir e assegurar um mundo comum a todos.

Com o surgimento de uma onda antissemita cristalizada na organização totalitária, o mundo se tornou inóspito para o povo judeu, onde grande parcela da sociedade passou a

²¹ DUARTE, 2000, p. 44.

viver sob condição de apátridas. Em meio às guerras, perderam a moradia bem como o estatuto jurídico de cidadania nacional, *status civitatis*, em que cresceram e estabeleceram direito de um lugar no mundo. Para citarmos as belas palavras de Eduardo Jardim,

“Milhões de pessoas viram-se privadas de um lugar no mundo, de uma função social que lhes permitisse manter a própria dignidade e, por fim, da própria cidadania, visto que se encontraram desprovidas de um estado que lhes definisse um estatuto legal e protegesse seus direitos”²².

Na medida em que estavam desvinculados de um nicho social, nem sequer podiam apelar ao tão básico “direito a ter direitos”, pois se encontravam totalmente desvinculados de uma organização política ou ordenamento jurídico que os admitisse como indivíduos de direito e em relação à qual possuíssem regalias e obrigações. A conjuntura na qual os apátridas se viram imersos constituiu uma das várias consequências engendradas pelo fenômeno totalitário, no qual foram vistos apenas como agentes reprodutores de objetivos nazistas, conforme a tese arendtiana tão cara ao povo judaico.

A essa crença na inutilidade²³ do ser humano, como temos abordado, Arendt irá chamar de superfluidade humana. Quando as pessoas são tidas como supérfluas, a condição de agentes colaboradores de uma cultura e pertencentes ao espaço civilizado lhes é retirada, atribuindo-lhes a categoria anti-jurídica que pode ser facilmente manipulada de acordo com os ditames instituídos.

Em *As Origens do Totalitarismo*, Arendt elabora uma das primeiras teorias a fim de tornar cognoscível o advento do totalitarismo na Alemanha, onde predominava o nazismo, e na Rússia stalinista, demarcando a trajetória do racismo e do imperialismo²⁴. Doze anos após a publicação de *Origens do Totalitarismo*, ela escreve a obra *Eichmann em Jerusalém*, retratando enquanto correspondente do jornal *New Yorker*, o caso Eichmann, cerne de todo

²² JARDIM, 2011, p.33.

²³ A crença na inutilidade dos seres humanos exemplifica-se na construção de campos de concentração e no absurdo vivenciado por aqueles que em tal condição se encontravam.

²⁴ Arendt compreende o imperialismo como a inversão de valores que dá à economia a prioridade sobre a política, no período entre 1884 e 1914.

um conjunto de interesses e questões que afligem as reflexões de Arendt até a sua última obra, *A Vida do Espírito*.

Instigada pela investigação sobre o mal radical, que é encontrada em *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt, em 1961, ofereceu-se como correspondente do jornal *New Yorker* para cobrir o processo de julgamento do oficial nazista Adolf Eichmann. É no bojo dessa experiência que se transcreve o trajeto do pensamento arendtiano, da formulação do conceito de banalidade do mal e de vazão de pensamento. É também no âmbito dessas colocações que pretendemos acompanhar o pensamento de Arendt nas páginas seguintes.

2. PLANO DE ENSINO

2.1. Levantando o saber

Para introduzir a aula, os educandos serão interrogados para que lembrem do que se trata o Nazismo. As possíveis manifestações serão anotadas na lousa. Neste momento, o professor comunicará que o assunto da aula será sobre os regimes totalitários, formas de governo que concedem poderes ilimitados a uma única pessoa ou a grupos privilegiados e que se configuram pelo desprezo à liberdade individual e aos direitos humanos.

Em seguida, os discentes serão informados sobre o totalitarismo, outra expressão também empregue para fazer referência a esse tipo de regime, o qual predominou em distintos países do século XX, tratando-se de um fenômeno político com origens na Primeira Guerra Mundial.

Serão distribuídos textos impressos, intitulado “Totalitarismo”, onde os alunos deverão realizar uma leitura atenta sobre a temática. Logo em seguida, os alunos serão incumbidos de uma tarefa, a saber, citar as características relevantes desses regimes encontradas no texto e fazerem as devidas anotações em seus respectivos cadernos.

Após a atividade de leitura e anotações por parte dos educandos, o professor realizará uma aula expositiva sobre o tema. Será salientado o seguinte: que os países que tiveram regimes totalitários foram comandados por líderes que se evidenciaram por concentrar poder. Nestes países, a característica marcante era a repressão política e ideológica, onde grupos com posições contrárias eram reprimidos e punidos por aqueles que estavam no comando. Dentre os diversos regimes ocorridos no século XX, os educandos serão informados sobre o mais proeminente regime, que foi o nazista, ocorrido na Alemanha e liderado por Adolf Hitler. Tal manifestação política afirmava a superioridade da raça ariana (alemã) em detrimento dos judeus, onde milhares destes foram descartados da sociedade.

No decorrer da aula expositiva, todos os pontos importantes serão anotados na lousa. Após o término da aula, o professor salienta que na próxima aula a temática continuará.

2.2. Problematizando o saber

A aula terá início com a exibição de um vídeo, denominado “O nazismo”. Após a exibição do mesmo, será perguntado aos alunos sobre o que eram os campos de concentração e se já tinham ouvido falar em algo do gênero. Esta aula terá como propósito destacar os exageros que este regime perpetrou. Será explicado em sala que as ideias mais extremas e a intolerância foram exemplificados nas práticas que ocorreram nos campos de concentração. Esses campos eram locais onde o regime eliminava grupos indesejados (oposição), principalmente judeus, que constituíam a minoria social, onde eram submetidos a tratamentos desumanos que feriam os direitos humanos fundamentais. Dando continuidade à aula, será exibido mais um vídeo, denominado “Atrocidades nazistas”, para que os alunos possam ter um entendimento maior dos atos desmedidos cometidos neste período.

Diante dos vídeos expostos, será ressaltado aos estudantes que todos os conteúdos ministrados no ambiente escolar são indispensáveis para a apreciação de nossas atitudes e para garantir o respeito a todos os seres humanos.

Para finalizar, os alunos deverão fazer uma síntese no caderno sobre o totalitarismo nazista e seus exageros. Por fim, todos os estudantes serão indagados sobre a compreensão do tema trabalhado em sala. Não havendo dúvidas, o professor dará continuidade às suas aulas previstas no PTD.

3. DA SALA DE AULA PARA A VIDA EM SOCIEDADE

Nos dias atuais, é comum encontrarmos nas redes sociais discussões, reprimendas e insultos entre pessoas com opiniões políticas distintas. Tais atitudes de intolerância são compartilhados cotidianamente com os adolescentes, pois boa parte deles permanece conectado à internet e tem acesso a tais conteúdos.

A instituição escolar bem como os educadores devem estar atentos a essas situações, que por sinal colaboram significativamente na formação ética e moral da nossa clientela escolar. É importante salientar que trabalhar assuntos políticos em sala de aula auxilia os discentes a serem tolerantes às diferenças e identificarem o seu papel na sociedade. Portanto, os educadores em sala de aula devem compartilhar com os alunos o verdadeiro papel da política em um país, salientando que no decurso de toda a história da humanidade existiram incompatibilidades de opiniões, mas que o discernimento e a sabedoria reside justamente no respeito ao posicionamento do outro, sendo ele díspar ou não. Versar sobre a política em ambiente escolar é algo de extrema relevância, pois viabiliza aos educandos a apreensão dos seus deveres e direitos enquanto cidadãos, bem como permite a compreensão da incumbência de cada um dos seus representantes políticos.

Entretanto, para os professores, esse é um tema que possui uma certa complexidade, pois é essencial incitar a conscientização política entre os alunos e, concomitantemente, permanecer apertado e imparcial em todas as hesitações dos educandos.

Espera-se que a partir das aulas expositivas, surta um debate, por parte dos alunos, sobre as formas de preconceito que existem na sociedade atual bem como a identificação das vítimas, que sofrem discriminações por diversos quesitos. Espera-se também que os estudantes reflitam sobre os obstáculos enfrentados pelas pessoas que sofrem com a intolerância e o preconceito, assim como sofreram os judeus no regime nazista.

É importante que os alunos reflitam sobre a seguinte questão também: como seria a vida se houvesse um governo que ditasse o que pode e o que não pode ser feito. Espera-se que os estudantes percebam que isso que eles apenas imaginam ocorreu de fato nos regimes totalitários.

A partir da explanação em sala, espera-se que os discentes compreendam a importância dos direitos humanos, que incluem o direito à vida e à liberdade de expressão e que, todos são dignos destes direitos, sem discriminação. Vale notar também, que é extremamente importante que eles percebam que princípios éticos e morais estavam ausentes nos regimes totalitários. Por isso a importância de tais valores na sociedade atual, para que tais regimes possam ser compreendidos, combatidos e para que jamais retornem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho consistiu na análise do pensamento político e filosófico arendtiano, mais especificamente no tocante ao fenômeno do mal enquanto evento político de ruptura. Abarcou também a aplicabilidade prática deste conteúdo em sala de aula, bem como, no terceiro capítulo, as expectativas com relação a esta temática aplicada à sala de aula.

Convém como fechamento deste trabalho apresentar as considerações que resultaram após o término do respectivo trabalho.

A partir da análise dos traços empíricos do fenômeno totalitário, Arendt julgou o horror introduzido como uma ruptura sem precedentes na história do Ocidente. Observamos, ainda, a sua preocupação com a perda do diálogo no campo político, pois quando se perde essa premissa da convivência com o outro, as condições básicas dos direitos de um povo, como a pluralidade, também perdem espaço. Verificamos que Arendt considera a perda de um espaço comum em nome de uma ideologia como traço marcante dos regimes totalitários. Constatamos ainda que o ineditismo enquanto instituição de poder esgarça o debate público e adota a violência e a imposição de ideais como protótipo a ser seguido.

No tocante à aplicação deste tema em sala, foi proposto leitura de texto, vídeos com o intuito de sensibilização, aula expositiva sobre a temática, afim de propiciar um entendimento adequado dos conteúdos e possíveis reflexões com temas/problemas atuais como, por exemplo, o preconceito.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ATROCIDADES NAZISTAS. Emerson Dylan, Moisés Seni e Raphaela Cristina. Youtube. 2008. 4:24 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gr2a1kxt6DQ&has_verified=1. Acesso em: abril de 2018.
- BACH, A. **Julgar é preciso...**(considerações sobre o pensamento de Hannah Arendt. Cadernos de Ética e Filosofia Política 9, 2/2006.
- BARABACEZ, Maria Solange. A banalidade do mal e a faculdade do juízo no pensamento político e filosófico de Hannah Arendt. 45 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2014.
- BETONI, Camila. Totalitarismo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/formas-de-governo/totalitarismo/>. Acesso em: abril de 2018.
- DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- JARDIM, Eduardo. **Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LAFER, Celso. **Teoria Política**. Brasília: Universidade de Brasília, 1979.
- O NAZISMO. Alef Bastos. Youtube. 2012. 8:11 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=damjmw1VTWw>. Acesso em: abril de 2018.
- SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- VALÉE, Catherine. **Hannah Arendt: Sócrates e a questão do totalitarismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.